30 Anos Pediatria

Resumos 2009

VIII Jornada Multidisciplinar Pediátrica
IV Encontro Pró-Humanização do HCPA



Anfiteatro Carlos César de Albuquerque
do Hospital de Clínicas de Porto Alegre

HOSPITAL DE
CLÍNICAS
PORTO ALEGRE RS

25, 26 e 27 de
novembro de 2009

UFRGS
1934-2009
75 ANOS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE O TRANSPLANTE DE MEDULA ÓSSEA AUTOGÊNICO: CONTRIBUIÇÕES PARA O CUIDADO EM ONCOLOGIA PEDIÁTRICA

Maria Cristina Flurin Ludwig, Luciana Zinn Sostizzo, Maria Isabel Cartagena, Vivian Hoffmann, Helena Becker Issi

Hospital de Clínicas de Porto Alegre

crisludwig25@hotmail.com

Introdução: O transplante de medula óssea (TMO) consiste na infusão intravenosa de células progenitoras hematopoiéticas com o objetivo de restabelecer a função medular nos pacientes com medula óssea danificada ou defeituosa (Castro Jr., Gregianin, Bruneto, 2001). Existem três tipos de transplante de medula: o alogênico onde as células tronco hematopoiéticas são retiradas de um doador vivo, compatível (aparentado) ou em bancos de medula óssea (não-aparentado); o autogêncio, onde as células provêm do próprio paciente; e o singênico, que é realizado entre irmãos gêmeos idênticos (Machado, et al, 2009). O TMO evoluiu muito nas últimas décadas, deixando de ser um tratamento experimental para tornar-se uma efetiva esperança de cura para algumas doenças onco-hematológicas, hematológicas e congênitas (Bonassa, 2005). Os transplantes dependem de critérios estabelecidos em protocolos aprovados pelos Comitês de Ética. Para que haja a indicação de um transplante de medula óssea faz-se necessário avaliar o tipo de doença, seu estágio e a idade do paciente, além de estar, preferencialmente, em período de remissão, ou seja, com a doença controlada (ABRALE, 2009). A sobrevida pós-TMO depende de diversos fatores como a doença de base, o tratamento prévio, o tempo de evolução da doença, a faixa etária do paciente e o número de recidivas (Castro Jr., Gregianin, Bruneto, 2001). A Unidade de Oncologia Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HC) é um centro de transplante de medula óssea autogênico, desde agosto de 1997. Segundo Castro Júnior (2002), a finalidade do transplante autogênico é possibilitar a administração de quimioterápicos em altas doses em doenças que apresentam considerável sensibilidade aos antineoplásicos, uma vez que a toxicidade destas drogas causa mielossupressão e a reinfusão de células progenitoras hematopoéticas possibilitam o uso de doses que jamais poderiam ser utilizadas se não houvesse este recurso. Para tanto, desde essa época, a Oncologia Pediátrica conta com uma equipe multidisciplinar especializada, composta por equipes médica, de enfermagem, nutrição, farmacêutica, serviço social, recreação, pedagogia, entre outras. Devido aos riscos que a terapêutica impõe é necessário que a equipe esteja permanentemente preparada e qualificada para a assistência. Programas de TMO requerem enfermagem treinada e especializada, pois grande parte do sucesso depende da qualidade dos cuidados de enfermagem nas diversas fases do procedimento (Bonassa, 2005). Este estudo trata-se de um relato de experiência, que objetiva mostrar a vivência das Enfermeiras da Unidade de Oncologia Pediátrica (UOP) do HC, ao organizar e estruturar um Grupo de Estudos sobre o TMO, com vistas à qualificação e capacitação da equipe de enfermagem, visando a busca pela excelência na assistência de enfermagem aos pacientes submetidos ao transplante. **Desenvolvimento:** Em 1997 foi realizado o primeiro transplante de medula óssea autogênico na Unidade de Oncologia Pediátrica do HC, totalizando 112 transplantes até hoje. No primeiro ano, foram realizados apenas três transplantes. Já nos últimos cinco anos,

desde janeiro de 2005 até outubro de 2009, ocorreram 54 procedimentos, representando quase 50% do número total de transplantes até hoje realizados. Levando-se em consideração o crescente número de transplantes de medula óssea e tendo em vista a condição de referência do HC nesta modalidade, observa-se a relevância em se obter uma equipe capacitada, preparada e formada com capacidade de otimizar a atenção às necessidades que este procedimento requer. Machado et al (2009) refere que o TMO é um procedimento altamente complexo, requerendo uma estrutura capaz de atender o paciente e sua família nas diversas fases do processo suprindo todas as necessidades no que se refere à prevenção e ao manejo das complicações. A Enfermeira, como membro da equipe multidisciplinar, desempenha papel importante desde o momento da indicação do TMO, até a realização do tratamento proposto (Machado et al, 2009). É atribuição da Enfermeira, participar dos processos de educação em saúde, de todas as fases do tratamento do paciente, da observação e detecção dos potenciais riscos, da tomada de decisão frente à situação de urgência e da participação nos processos de alta hospitalar. Além de técnica e conhecimento, a enfermeira que trabalha nesta área necessita possuir características pessoais essenciais ao bom desenvolvimento do trabalho e necessita de um olhar amplo para observar as necessidades de cada paciente e família. Considerando a relevância desta temática e da importância de se constituir uma equipe qualificada, enfermeiras da UOP estruturaram um grupo de estudos sobre o TMO. O objetivo do grupo é qualificar a assistência de enfermagem através da atualização cientifica das enfermeiras e posterior multiplicação dos conhecimentos adquiridos para a equipe de cuidadores da UOP. O grupo reúne-se quinzenalmente na unidade, realizando seminários científicos, organizando palestras e debates com ênfase no aprimoramento profissional. Em uma etapa posterior, serão realizados debates objetivando implementar melhorias na Unidade, de acordo com as necessidades e a demanda do setor. Segundo Machado et al (2009), as estratégias para o desenvolvimento de conhecimento científico sobre o TMO e tudo o que este assunto abrange, incluindo as bases da oncologia, devem ser abordadas em aulas expositivas, apresentações em grupo, discussões de textos relevantes, estudos de caso, entre outros, para o treinamento e aperfeiçoamento do profissional de enfermagem. A proposta de estudo e trabalho segue os princípios da educação permanente, a partir do entendimento que é necessário implementar na prática cotidiana do cuidado a consciência da transformação gradativa dos processos assistenciais. O caráter dialógico permeia as relações dos profissionais nesse fazer e aprender constante. **Considerações Finais:** Por tratar-se de um procedimento altamente especializado, o TMO exige da equipe de enfermagem uma atualização e qualificação constantes para que o conhecimento adquirido se reverta em uma assistência de enfermagem segura e competente, primando por desenvolver o seu papel com excelência. O Grupo de Estudos busca aprimorar o cuidado em TMO nas diversas fases do procedimento, a partir do prisma da educação permanente inserida na prática do exercício profissional, por entender que disso depende o sucesso do projeto terapêutico à clientela assistida. O Grupo de Estudos sobre o TMO surgiu da necessidade das Enfermeiras da oncologia pediátrica em buscar aprimoramento contínuo a fim de proporcionar um melhor tratamento aos pacientes onco-hematológicos, constituindo-se em valiosa e promissora iniciativa. As atividades deste grupo certamente contribuirão para potencializar os conhecimentos das enfermeiras propiciando, conseqüentemente, uma melhor desenvoltura no seu trabalho diário. A

capacitação alcançada favorece uma atuação relevante e decisiva na equipe multidisciplinar, agregando qualidade no atendimento aos pacientes pediátricos transplantados de medula óssea.

Descritores: transplante de medula óssea; enfermagem oncológica; pediatria.

Referências:

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINFOMA E LEUCEMIA: ABRALE (São Paulo). Transplante de Medula Óssea: Doenças e Tratamentos. Disponível em: http://www.abrale.org.br. Acesso em: 14 nov 2009.
- BONASSA, E. M. A. Enfermagem em Terapêutica Oncológica. São Paulo: Atheneu, 2005.
- CASTRO JÚNIOR, Cláudio Galvão de. Análise clínica e epidemiológica do transplante de medula óssea no Serviço de Oncologia Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. 2002. 161 f. Dissertação. Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.
- JR CASTRO, C. G; GREGIANIN, L. J; BRUNETTO, A. L. Transplante de medula óssea e transplante de sangue de cordão umbilical em pediatria. Jornal de Pediatria, Vol. 77, Nº 5, 2001.
- MACHADO, L. N; CAMANDONI, V. O; LEAL, K. P. H; MOSCATELLO, E. L. M. Transplante de Medula Óssea. São Paulo: Lemar, 2009.

GRUPO DE PAIS DA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA PEDIÁTRICA: PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES

Mirna Guites Hillig, Nair Regina Ritter Ribeiro

Hospital de Clínicas de Porto Alegre

mirnagh@gmail.com

Introdução: O Programa de Apoio à Família (PAF) é um programa do Serviço de Enfermagem Pediátrica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), e tem como objetivo contribuir para o enfrentamento das situações e dificuldades inerentes ao processo de doença e hospitalização da criança, vivenciado pelos pais (ISSI et al, 2007). Neste programa estão inseridas diferentes ações desenvolvidas nas quatro unidades pediátricas, tendo como foco principal o cuidado às famílias das crianças internadas. Essas atividades englobam, além do Grupo de Pais, atendimento individualizado, programa de atendimento às famílias de crianças com cuidados especiais, entre outros. Na UTIP, dentro das atividades desenvolvidas no PAF, ocorre semanalmente o Grupo de Pais, com uma equipe multidisciplinar formada por enfermeira, médico residente (R3), assistente social e estagiária da psicologia. Ressaltamos a importância da equipe multidisciplinar na atividade do Grupo de Pais, pois permite um olhar diversificado das diferentes situações e assuntos que são abordados, auxiliando essas famílias neste momento tão difícil e especial pelo qual estão passando.Na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP), bem como em toda a Pediatria do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), está implementado o Sistema de Alojamento Conjunto Pais-Filhos, desde 1979, onde a presença da família é valorizada, fazendo parte do cuidado. A família, segundo Patrício (1994, p.97), é um sistema interpessoal formado por pessoas que interagem por vários motivos, tais como afetividade e reprodução, dentro de um processo histórico de vida, mesmo sem habitar o mesmo espaço físico. É uma relação social dinâmica que durante todo o seu processo de desenvolvimento, assume formas, tarefas e sentidos elaborados a partir de um sistema de crenças, valores e normas, estruturados na cultura da família,